

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Uma agenda de pesquisa.

Regiane Lucinda de Carvalho.

Cita:

Regiane Lucinda de Carvalho (2009). *Uma agenda de pesquisa*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/717>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Uma agenda de pesquisa

Regiane Lucinda de Carvalho¹

Nas últimas décadas, a estrutura familiar e o papel social desempenhado por seus membros foram modificados. O adiamento da nupcialidade e da fecundidade, o aumento das uniões informais, separações e recasamentos fizeram com que as tradicionais famílias nucleares patriarcais fossem cedendo espaço a arranjos familiares diversificados como famílias monoparentais, “reconstituídas” ou sem filhos. Esses novos arranjos, decorrentes de alterações valorativas originadas na Segunda Transição Demográfica, são marcados por fortes mudanças nas relações de gênero e geracionais e tornam-se cada dia mais frequentes e aceitos socialmente.

A postergação da união estável, entre outros motivos, ocasionou o adiamento do momento em que o jovem deixa a casa dos pais para formar seu próprio domicílio. Ao invés de buscar arranjos alternativos como viver coabitando, sozinho ou com grupo de não-parentes, parte dos jovens assume o papel de filho dentro do domicílio por um período superior ao que seria esperado e aceito há até poucas décadas. É essencial conhecer as características e o comportamento desses jovens, pois, caso contrário, políticas públicas de emprego, saúde e educação dirigidas a esse segmento podem tornar-se anacrônicas e ineficientes. A importância de estudos sobre arranjos domiciliares, além de sua relação com as componentes demográficas (nupcialidade, fecundidade, mortalidade e migração), é fundamental também para a compreensão de temas relacionados às

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Mestre em Demografia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional na Universidade Federal de Minas Gerais. Email: regiane_lucinda@yahoo.com.br Apoio do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq.

transferências intergeracionais, às oportunidades no mercado de trabalho e no mercado imobiliário, ao estado de bem-estar social, entre outros.

Assim, considerando as recentes mudanças na formação de família e de domicílio, analisou-se a formação dos arranjos domiciliares dos jovens brasileiros a partir da posição ocupada por este em relação ao responsável (chefe) pelo domicílio. As análises foram feitas para jovens que residiam em áreas urbanas e que possuíam idade entre 15 e 34 anos, divididos por grupos etários quinquenais e por sexo. Optou-se por trabalhar apenas com os jovens de áreas urbanas, pois fatores influentes na formação de domicílio e família, como a inserção no mercado de trabalho e o nível desejado de escolaridade, são muito diversos nesses dois meios. Além disso, a base de dados utilizada somente traz informações para a área rural a partir de 2004, sendo que era de interesse o estudo dos arranjos desde 1986. O limite etário adotado, embora arbitrário, está em consonância com o seguido na literatura e também com a realidade brasileira. Além disso, o estudo do comportamento do grupo etário entre 30 e 34 anos justifica-se diante das discussões sobre o prolongamento da juventude.

Os dados utilizados foram provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, de 1986, 1996 e 2006, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Realizou-se uma análise descritiva dos arranjos dos jovens buscando compreender qual a proporção de jovens vivendo com os pais na condição de filho do responsável pelo domicílio.

A seguir apresenta-se a proporção de jovens brasileiros segundo sua condição no domicílio para os anos 1986, 1996 e 2006. Os resultados referem-se ao total de jovens brancos, pretos e pardos, em domicílios particulares permanentes em áreas urbanas do Brasil. Não foram considerados nesta análise os jovens que ocupavam a condição de outros parentes ou de não-parentes (agregados, pensionistas, empregados) do responsável pelo domicílio, pois aqui o objetivo era saber se o jovem havia ou não saído de seu domicílio de origem para a constituição de um domicílio independente.

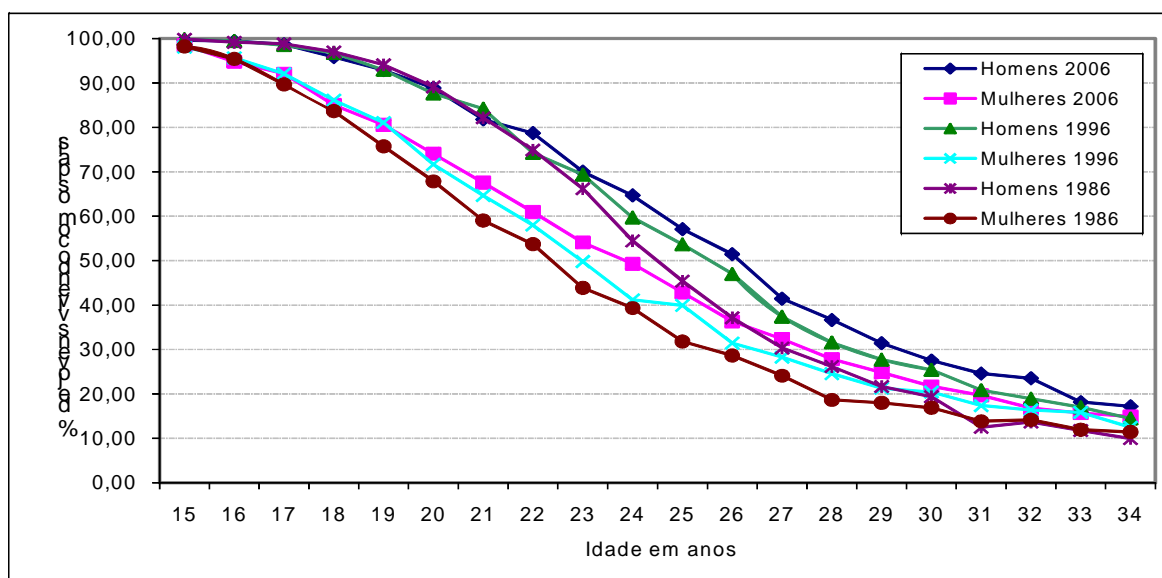
TABELA 1 – Proporção de jovens segundo relação com o responsável pelo domicílio, por grupos etários e por sexo, 1986, 1996 e 2006.

Considerando apenas as três principais categorias de interesse – responsável, cônjuge e filho –, a primeira mudança que pode ser percebida na composição familiar dos jovens (TAB.1), ao longo das duas décadas estudadas, é a diminuição da proporção de jovens do sexo masculino que se declarou como pessoa responsável pelo domicílio, passando de 42,3% para 35,3%. Sendo que essa redução foi maior, principalmente entre as idades 25 a 34 anos. Em contrapartida, observa-se, neste mesmo grupo, um forte aumento relativo na proporção que se declarou cônjuge, embora seja ainda uma proporção muito pequena e, principalmente, um aumento nos que se declararam como filhos. Entre 1986 e 2006, a proporção de jovens de 25 a 29 anos na condição de filho passou de 32,2% para 44,0% e, entre os jovens de 30 a 34 anos, de 13,7% para 22,2%.

A proporção total de mulheres na condição de filha do responsável pelo domicílio também aumentou em todos os grupos etários, mas não tanto quanto entre os homens. O maior aumento ocorreu na proporção que se declarou responsável pelo domicílio, de 4,6% para 10,4%, o que ocorreu principalmente entre 1996 e 2006. As mulheres responsáveis pelo domicílio estão distribuídas em diferentes tipos de arranjo, que pode ser com cônjuge ou companheiro, apenas com os filhos e sem cônjuge ou sozinha; porém, neste trabalho, não se diferenciou qual a proporção de mulheres responsáveis pelo domicílio em cada um desses arranjos. Em consonância com o aumento das mulheres filhas ou responsáveis, houve também uma redução de 49,1% para 39,2% no total de mulheres que se declaravam cônjuges, o que se deve ao aumento das mulheres que permanecem solteiras ou separadas e também porque há mais mulheres assumindo a chefia do

domicílio inclusive na presença de um cônjuge ou companheiro. Os resultados indicam que os homens e mulheres estariam passando mais tempo na casa dos pais na condição de filhos, porém as mulheres que saem o fazem cada vez mais para assumirem uma posição de chefia e menos a posição de cônjuge. Estes resultados já são indícios de que a saída dos jovens de seu domicílio de origem e a constituição de seu próprio domicílio não ocorre mais nos padrões tradicionais, ou seja, os jovens não saem de casa exclusivamente após o casamento e, mesmo entre aqueles que se casam após a saída os papéis de gênero não se restringem mais ao do homem provedor e responsável pelo domicílio e ao da mulher cônjuge.

GRÁFICO 1 – Proporção de jovens vivendo com os pais, por sexo, 1986, 1996 e 2006.



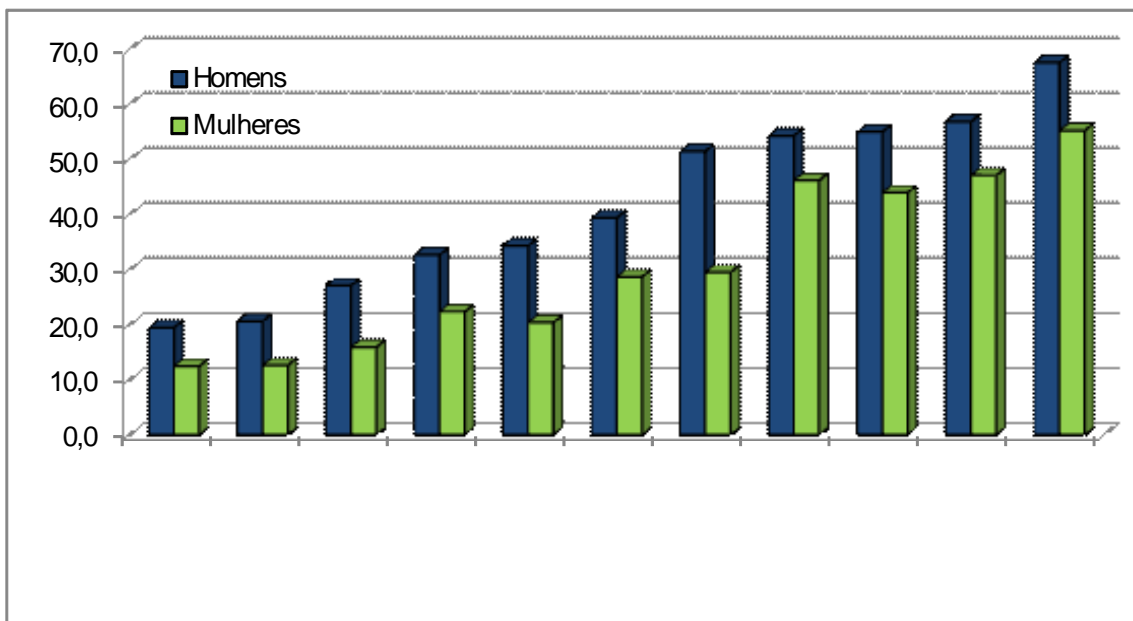
Fonte: Microdados das PNADs 1986, 1996 e 2006.

No GRAF. 1, fica bastante claro o aumento na proporção de jovens que se declararam filhos do responsável pelo domicílio. Em 1986, pouco mais da metade das mulheres (56%) já tinha deixado a casa dos pais aos 23 anos; já em 2006 essa porcentagem é atingida próximo aos 25 anos. Para os homens, esse aumento foi dos 25 anos para os 27 anos. A proporção de filhos sempre superior a de filhas, pode ser explicado, entre outros motivos, porque a constituição de domicílio de parte das mulheres ainda ocorre via casamento, e o casamento tende a ocorrer antes para as mulheres, já que estas se casam com homens mais velhos.

A decisão de sair de casa não é uma decisão tomada isoladamente pelo indivíduo e, como as demais relações sociais, não pode ser avaliada sem levar em consideração o contexto que a motiva. Assim,

entre os diversos determinantes para a co-residência de pais e filhos adultos, é importante destacar o papel exercido pela cultura na qual o jovem se insere. Comparando o percentual de jovens brasileiros entre 18 e 34 anos que viviam com os pais com jovens de países da Europa nota-se, como pode ser visto no GRÁF. 2, que este percentual assemelha-se ao de países do sul Europeu – Espanha, Portugal e Itália. Estes são países católicos nos quais, tradicionalmente, a família exerce uma forte influência sobre o bem-estar de seus membros, ao contrário dos países escandinavos e anglo-saxões em que o apego familiar é menos acentuado sendo socialmente esperado que o jovem deixe a casa de seus pais tão logo termine o ensino secundário. Nestes países, o Estado é um importante provedor de subsídios para que os jovens deixem a casa dos pais, o que faz com que, independente das condições econômicas da família de origem, a maior parte dos jovens saia da casa dos pais para viver em outro domicílio. Embora possuam proporção de co-residência entre pais e filhos semelhantes, na Europa há diversos estudos dedicados a esta temática enquanto no Brasil ela parece não ter despertado tanto o interesse dos cientistas sociais.

GRÁFICO 2 – Proporção de jovens, entre 18 e 34 anos vivendo com os pais, por sexo, vários países, 1996.



Fonte: ECHPS, 1996. Brasil: microdados PNAD 1996.

Além dos fatores referentes ao contexto macro-econômico e cultural no qual o jovem se encontra inserido, à saída do domicílio de origem está associada também a características do próprio domicílio e da família, como número de irmãos e ordem de nascimento do jovem, ter ou não pai e

mãe vivos, viver em uma família intacta ou reconstituída, o local de residência (rural, urbano ou metropolitano), a renda domiciliar per capita. As características do jovem também são relevantes como sexo, idade, raça/cor, escolaridade, se o jovem teve ou não filhos entre outras. Todos estes fatores influenciam, de alguma forma, a decisão de sair ou permanecer no mesmo domicílio que os pais precisam ser investigadas, principalmente, as características familiares já que a família por ser a unidade primária de inserção do indivíduo na sociedade, possui um papel fundamental tanto na definição do momento de sair de casa e quanto da rota a ser seguida após a saída.

Aos trabalhos futuros caberia investigar, para os jovens que saíram da casa dos pais, o tipo de arranjo domiciliar formado: através do casamento, da coabitação, vivendo sozinho ou com não-parentes, pois o destino após saída de casa está fortemente relacionado às oportunidades no curso de vida e provoca impactos sobre a mortalidade, fecundidade e migração. Como as atuais pesquisas quantitativas não conseguem captar a ordem exata dos eventos, e quais arranjos precederam o atual arranjo domiciliar, o mais indicado seriam estudos qualitativos. Estudos sobre os arranjos das jovens mulheres chefes seriam interessantes, principalmente arranjos em que as mulheres são as responsáveis pelo domicílio na presença de um cônjuge, mesmo que seja uma proporção pequena.

Para os jovens que vivem com os pais, principalmente os jovens mais velhos, sugere-se um estudo sobre o contexto domiciliar a fim de esclarecer se esses jovens pertencem a famílias intactas ou “reconstituídas”; se, mesmo morando com os pais, formaram uma nova família, com cônjuge e/ou filhos; se trabalham e qual a sua contribuição para o domicílio; qual a classe social pertencente, entre outras questões. Um estudo mais específico seria sobre as razões do retorno do jovem ao domicílio de origem após a saída.

Entretanto, deve-se atentar para a dificuldade de realizar estudos de um processo dinâmico, que são as transições ao longo do ciclo de vida, quando se dispõe apenas de informações *cross-sections*, como são as pesquisas domiciliares brasileiras. As bases de dados quantitativas disponíveis no Brasil não permitem saber quais eram as condições da família de origem dos jovens que já constituíram um domicílio próprio e nem mesmo a ordem das transições feitas, pois não contamos com estudos longitudinais ou **surveys** retrospectivos sobre este tema. As características individuais que estão disponíveis, embora importantes, não são suficientes para compreender a saída. Por isso, a metodologia qualitativa é uma ferramenta muito útil na compreensão das motivações para a formação domiciliar.

A proposta deste artigo foi analisar a inserção do jovem brasileiro na composição domiciliar ao longo das últimas décadas e propor uma agenda de pesquisa a partir dos resultados encontrados. O estudo dos três períodos se mostrou importante para observar as variações ao longo do tempo, indicando tendência de crescente aumento na proporção de jovens brasileiros que vivem na condição de filhos do responsável pelo domicílio, principalmente entre os homens acima de 25 anos. Ao mesmo tempo, foi observado um aumento significativo da proporção de jovens mulheres responsáveis pelo domicílio e uma diminuição das cônjuges. Diante desta constatação, propõem-se uma agenda de pesquisa na área de demografia da família, especificamente sobre os arranjos domiciliares dos jovens que saíram e dos jovens que permanecem com os pais.

O estudo da formação de arranjos domiciliares está diretamente relacionado com as componentes da dinâmica demográfica; contudo, a demografia da família ainda é pouco explorada no Brasil. A saída de casa e a constituição de um novo domicílio são tratadas apenas como uma dimensão da transição para a vida adulta sendo que poucos estudos se dedicam a compreender os fatores que adiam ou impulsionam a constituição de domicílios independentes do domicílio de origem. A emergência de um padrão de convivência prolongada entre as gerações modifica as demandas da população jovem e impõe novos desafios, em curto e em longo prazo, à sociedade. Este estudo foi, então, uma tentativa de prover subsídios para novas discussões sobre a formação domiciliar e familiar, em um momento em que transformações nestas esferas são rapidamente sentidas e devem continuar nas próximas décadas.